

A história da loucura através dos séculos: de Foucault à modernidade

The history of madness through the centuries: from Foucault to modernity

La historia de la locura a través de los siglos: de Foucault a la modernidad

Recebido: 20/09/2024 | Revisado: 28/09/2024 | Aceitado: 28/09/2024 | Publicado: 30/09/2024

Jairan Roberto dos Santos Araújo

ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-4649-5539>

Universidade Estadual de Alagoas, Brasil

E-mail: Jayranroberto@gmail.com

Eduardo Sugizaki

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0243-502X>

Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Brasil

E-mail: Eduardosugizaki@gmail.com

Resumo

A loucura fez uma história conforme diferentes épocas e fronteiras culturais. É o que se depreende da literatura sobre o tema, sobretudo da obra de Michel Foucault, *História da loucura*, de 1961. A representação social da loucura moldada por fatores culturais, religiosos, políticos e filosóficos. Com o nascimento da saúde mental, na modernidade, conceito que forma oposição com a representação social da loucura. Mas qual o impacto desta obra nos estudos que conceituam a saúde e a doença mental? Tomando esse problema como foco central, o presente trabalho apresenta uma revisão de literatura. O marco temporal do recorte é de 1962 aos nossos dias. O objetivo é tentar estabelecer algumas balizas sobre o quanto é o modo com que Foucault, redefiniu as perspectivas sobre a loucura e a saúde mental, e qual é a percepção dos articulistas sobre a relação de suas ideias com as visões anteriores.

Palavras-chave: Loucura; Saúde mental; Doença mental; Michel Foucault.

Abstract

Madness has a history shaped by different eras and cultural boundaries. This can be seen in the literature on the subject, particularly in Michel Foucault 1961 work, *History of Madness*. The social representation of madness has been shaped by cultural, religious, political, and philosophical factors. With the advent of mental health in modernity, a concept that stands in opposition to the social representation of madness emerged. But what impact did this work have on studies that conceptualize mental health and illness? Focusing on this question, the present study offers a literature review. The timeframe spans from 1962 to the present day. The objective is to establish some benchmarks regarding how Foucault redefined perspectives on madness and mental health, and to assess how scholars perceive the relationship between his ideas and previous views.

Keywords: Madness; Mental health; Mental illness; Michel Foucault.

Resumen

La locura ha tenido una historia según diferentes épocas y fronteras culturales. Esto se deduce de la literatura sobre el tema, especialmente de la obra de Michel Foucault, *Historia de la locura*, de 1961. La representación social de la locura ha sido moldeada por factores culturales, religiosos, políticos y filosóficos. Con el surgimiento de la salud mental en la modernidad, un concepto que se opone a la representación social de la locura, surge la pregunta: ¿cuál es el impacto de esta obra en los estudios que conceptualizan la salud y la enfermedad mental? Tomando este problema como foco central, el presente trabajo presenta una revisión de la literatura. El marco temporal abarca desde 1962 hasta nuestros días. El objetivo es intentar establecer algunos parámetros sobre cómo Foucault redefinió las perspectivas sobre la locura y la salud mental, y cuál es la percepción de los articulistas acerca de la relación entre sus ideas y las visiones anteriores.

Palabras clave: Locura; Salud mental; Enfermedad mental; Michel Foucault.

1. Introdução

No que diz respeito ao sofrimento humano e às restrições impostas pela sociedade ao longo dos séculos, a loucura emerge como um traço revelador das hipocrisias e injustiças sociais, saturada por justificativas construídas que, frequentemente, ainda ecoam na contemporaneidade. Tal fenômeno decorre da internalização de conceitos existenciais que categorizaram as doenças de forma invasiva e indiferente ao comportamento do outro. Cientistas, médicos e indivíduos comuns, desde o

Renascimento até os dias atuais, diagnosticaram, repudiaram ou interpretaram a saúde mental conforme sua compreensão limitada, perpetuando um ciclo de exclusão (Foucault, 2004).

Com a primeira formulação da loucura, traçada pela epistemologia da idade clássica, inicialmente buscou-se meteticulosamente descrever um processo de transformação da loucura em "doença mental", transformando-a assim em objeto de estudo psiquiátrico, psicológico, psicanalítico e farmacêutico (Foucault, 2004). Posteriormente, emergem estudos e abordagens que se derivam dessas premissas, revisando fenômenos anteriormente praticados. Essas análises investigam ao longo de diferentes períodos como se deu a construção da negação da loucura e os conflitos ou divergências que surgiram a partir desses eventos, enfatizando, por exemplo, a doença mental como um tema central.

Assim, mesmo que no Renascimento e na Idade Média já existissem locais de exclusão e tratamento para aqueles rotulados como loucos, é na transição para os períodos moderno e contemporâneo que se observa uma intensificação do movimento de exclusão, preparando o terreno para o surgimento dos manicômios (Rosa & Gutierrez, 2023). Este momento marca uma transição para uma abordagem mais institucionalizada, representada pelos manicômios e suas novas práticas de tratamento, evidenciando um movimento significativo rumo à medicalização e controle dos estados mentais considerados desviantes.

Neste contexto, a sociedade ocidental constrói uma concepção do sofrimento da psique humana, categorizando-o em quadros denominados "doença mental" (Silveira & Braga, 2005). Este processo de delimitação pode ser interpretado como uma forma de negligência científica em relação a cada indivíduo, buscando não apenas respostas ou curas, mas também lidando com o que percebem como estranho ou incompreensível dentro de suas normas sociais estabelecidas.

Diante do exposto, o objetivo é tentar estabelecer algumas balizas sobre o quanto é o modo com que Foucault, redefiniu as perspectivas sobre a loucura e a saúde mental, e qual é a percepção dos articulistas sobre a relação de suas ideias com as visões anteriores. Em última análise, busca-se compreender como os estudiosos contemporâneos interpretam e integram as ideias foucaultianas em seus trabalhos, delineando a relação entre essas concepções inovadoras e as visões preexistentes. Nesse sentido, a intenção é analisar como as diferentes épocas históricas são revisitadas e reinterpretadas com as teorias, promovendo uma compreensão mais profunda e nuançada das transformações ocidentais ocorridas ao longo do tempo nesse campo.

2. Metodologia

A metodologia científica é importante para que se tenha da melhor forma possível a reprodutividade das informações (Pereira et al., 2018). O presente estudo se se ancora em uma revisão da literatura narrativa (Rother, 2007; Casarin et al., 2020 e, Cavalcante & Oliveira, 2020), focando em obras que exploram a interseção entre loucura e saúde mental, partindo do trabalho seminal de Michel Foucault até abordagens contemporâneas. A pesquisa se desdobrou a partir de fontes acadêmicas, incluindo livros, artigos científicos e teses, publicados entre 1962 e 2023, analisando o contexto histórico e as transformações institucionais que moldaram a noção de doença mental.

Na metodologia seguiram-se os parâmetros da análise documental e da revisão crítica, com ênfase nas perspectivas foucaultianas sobre a institucionalização da loucura, cruzando tais enfoques com críticas modernas ao modelo hospitalocêntrico. Toda seleção de materiais privilegiou a relevância histórica e atual dos autores, concentrando-se em estudos que discutem a exclusão, medicalização e desinstitucionalização do sujeito considerado louco, cujas buscas foram realizadas nas bibliotecas virtuais: SCIELO e Google Acadêmico. Os descritores utilizados foram "Loucura", "Saúde Mental", "Doença Mental", "Michel Foucault", também foi utilizado os descritores em inglês, "Madness", "Mental Health", "Mental Illness", "Michel Foucault".

3. Resultados e Discussão

Após a exposição sobre a loucura, foram selecionados 07 artigos para o desenvolvimento do presente estudo, conforme apresentado no Quadro 1:

Quadro 1 – Resultados dos artigos selecionados.

Título	Autores	Ano	Resultados
Protagonismo e subjetividade: a construção coletiva no campo da saúde mental.	Torre & Amarante.	2001	- É possível perceber hoje no campo da saúde mental no Brasil um expressivo processo de transformação do lugar do louco como ator social, como sujeito político. Uma das faces desse processo refere-se à ampliação do conceito de “reforma psiquiátrica”.
Acerca do conceito de loucura e seus reflexos na assistência de saúde mental.	Silveira & Braga.	2005	- Na antiguidade, a loucura já não é mais porta-voz da verdade divina e em pouco tempo passará a ocupar o lugar de representante simbólico do mal. - Já na idade média, com a disseminação da lepra, é vista como castigo divino e permanece sendo o foco de exclusões, mas com seu desaparecimento ao final da idade média se percebe alguns mecanismos de exclusão voltados aos loucos, porém não tão intenso como nos outros marcos temporais. - No século XVIII, a loucura é vista como objeto do saber médico, percebe os loucos como seres perigosos e inconvenientes que, em função de sua “doença”, não conseguem conviver de acordo com as normas sociais. - No momento pós-guerra, começam a surgir em diversos países questionamentos quanto ao modelo hospitalocêntrico, apontando para as necessidades de reformulação.
O vácuo no contexto das representações sociais: uma hipótese explicativa para a representação social da loucura.	Wachelke.	2005	- Em relação ao vácuo representacional: Trata-se, em uma primeira impressão, de uma ausência no plano da própria estrutura da representação, a que nos referimos como ausência de cobertura total entre representação e objeto.
A constituição histórica da loucura.	Andrade.	2011	- No século XVII, com a fundação do Hospital Geral de Paris, que atendia a fins punitivos de internamento e não a objetivos médicos, promoveu-se o enclausuramento das figuras da desrazão. O grande internamento representava uma vitória do bem contra o mal, um triunfo da razão sobre a desrazão.
A loucura em Foucault: arte e loucura, loucura e desrazão.	Providello & Yasui.	2013	- Consideração à qual Foucault nos leva em relação à loucura: a desnaturalização do objeto, ou seja, não o considerar como algo que porta sua própria verdade, que está e sempre esteve esperando para ser descoberta.
Sobre (re)pensar a saúde mental e os processos de desinstitucionalização	Lima, Galindo, Rodrigues & Sampaio.	2018	- O autor defende que a Reforma Psiquiátrica ocorreu somente em nível instrumental, pois as formas de intervenção ainda produzem estigmatização e medicalização dos sujeitos.
A Loucura na antiguidade e idade média, uma retomada da história em diferentes fontes.	Rosa & Gutierrez.	2023	- Em terras gregas, a desrazão dos loucos os faziam ser vistos como abençoados, porém a reclusão e a distância eram regras.

Fonte: Elaborado pelos autores (2024).

Quanto aos resultados apresentados pelos estudos contemporâneos selecionados, torna-se evidente a linha do tempo delineada em torno da loucura. Inicialmente, nas terras gregas, ela era percebida como um presente divino e uma forma de comunicação com o sobrenatural (Rosa & Gutierrez, 2023). No entanto, conforme indicado por um dos artigos, ao longo da história, essa perspectiva evolui, adotando completamente o papel oposto de castigo ou personificação do mal, com o recurso de isolamento já sendo utilizado (Silveira & Braga, 2005).

Além disso, um dos artigos selecionados empreende uma reflexão profunda na tentativa de compreender o tipo de raciocínio adotado diante da abordagem da loucura, identificando o que ele denomina de "vácuo da representatividade". Segundo o autor, a mente humana opera com dois conjuntos distintos: a representação, que visa aproximar o que é novo ou estranho dos sujeitos, e as dinâmicas e passíveis de mudança. Nesse contexto, existe o argumento que a loucura estaria em um "vazio", percebida por todos como algo estranho, porém sem a intenção de ser aproximada dos sujeitos (Wachelke, 2005).

Apesar dos pequenos avanços evidenciados ao longo dos resultados, com a adoção de uma abordagem reformista no âmbito institucional, a falta de dinamismo apontada no estudo reforça uma das visões destacadas em outra pesquisa (Lima et al., 2020). Essa perspectiva sugere que a reforma ocorre apenas no nível instrumental, sendo necessário repensar e revisar muitos aspectos para que características como hipermedicalização e a associação às doenças mentais sejam efetivamente desafiadas e, consequentemente, contribuam para uma transformação significativa na saúde.

3.1 Uma loucura como comédia e maldição

Considerar brevemente a Idade Média é crucial para contextualizar a evolução do entendimento da loucura ao longo da história. Entretanto, não se deve limitar a loucura a este período, pois a Idade Média abordava uma variedade de questões, incluindo a lepra, que transcendem a elementar categorização do louco. Ainda assim, é incontestável a relevância desse período para os estudiosos contemporâneos, especialmente no que se refere ao surgimento da institucionalização, como discutido por Foucault (2004).

A sociedade medieval, especialmente em contextos camponeses, destaca-se a figura do louco, frequentemente visto como inspirado, comparado ao bobo do senhor ou ao bufão da corte, o que sugere uma conexão entre o papel social do louco e o entretenimento nas cortes. Na vida camponesa, o louco é considerado uma fonte de diversão para a comunidade. Todavia, aqueles que sofriam de melancolia eram percebidos como estranhos e muitas vezes sujeitos a exorcismos ou exclusão, em vez de receberem tratamento adequado (Le Goff, 2016).

Torna-se manifesto que isso revela uma dualidade na percepção social: por um lado, eram excluídos e confinados em porões, mas, por outro, desempenhavam papéis de entretenimento na sociedade. Mesmo sendo exilados para fora da região na Nau dos loucos, eram simultaneamente tratados como bufões e bobos, mantendo assim uma presença constante na polis, na cidade-comunidade da Idade Média (Silveira & Braga, 2005).

3.2 A institucionalização da loucura: crítica às práticas psiquiátricas

Na obra *Ideologia e Doença Mental: Ensaio sobre a Desumanização Psiquiátrica do Homem*, Thomas Szasz (1977) desafia o conceito de doença mental, argumentando que a psiquiatria, ao rotular comportamentos desviantes como patologias, se transforma em um instrumento de desumanização. Segundo ele, a psiquiatria é legítima ao controle coercitivo, restringindo a liberdade do sujeito sob o pretexto de promover a saúde mental. Dessa forma, a psiquiatria se revela mais uma ideologia do que uma ciência, criticando a abordagem que trata os indivíduos como objetos de correção institucional.

Apesar de seguirem trajetórias distintas, Foucault e Szasz convergem em uma conclusão comum: a psiquiatria se estabelece como um mecanismo de controle sobre a liberdade individual, definindo a — normalidade — segundo parâmetros sociais, e não pela saúde real dos indivíduos. Foucault (2004) analisa como a construção histórica do conceito de loucura está intimamente vinculada às práticas de poder. Por outro lado, Szasz (1977) rejeita a concepção de doença mental como uma entidade biológica e critica a forma como o saber psiquiátrico legítimo a exclusão social.

A institucionalização da loucura, iniciada com a criação dos hospitais gerais no século XVII, se insere em um processo mais amplo de controle e disciplina social. As instituições psiquiátricas, em última análise, desempenham um papel de

normalização, impondo regras e normas específicas a regular o comportamento dos indivíduos internados (Foucault, 2004). Desse modo, o internamento é percebido como um mecanismo de silenciamento e marginalização daqueles que não se ajustam às normas sociais.

Thomas Szasz (1977) fortalece essa crítica ao afirmar que os indivíduos com transtornos mentais são, na verdade, pessoas que se desviam dos padrões estabelecidos e, portanto, são rotulados como doentes para prescrever seu isolamento. Ele argumenta que o processo de rotulagem psiquiátrica é, em si, um ato de violência simbólica, que reduz o indivíduo à sua — condição patológica —, desconsiderando sua autonomia e capacidade de decisão.

Erving Goffman, em *Manicômios, Prisões e Conventos* (2001), amplia essa análise ao discutir a ideia de "instituições totais", nas quais os internos são isolados do mundo exterior e submetidos a um controle absoluto sobre suas vidas. Salientando que essa separação resulta em uma “mutilação do eu”, uma vez que o indivíduo perde sua autonomia sendo definido pelas regras e normas impostas pela instituição. A crítica de Goffman alinha-se às de Foucault e Szasz, revelando que a institucionalização contribui para a desumanização do louco, do indivíduo, transformando-o em um objeto de controle.

3.3 Modernidade: da demonização à medicalização

É pertinente abordar sucintamente este período, tendo em vista as concepções construídas sobre a loucura, as quais, conforme apontam os estudiosos, refletem a crescente medicalização da saúde mental e o desenvolvimento de abordagens psicossociais no tratamento dos transtornos mentais:

É o século XVIII que vem, definitivamente, marcar a apreensão do fenômeno da loucura como objeto do saber médico, caracterizando-o como doença mental e, portanto, passível de cura. É o Século das Luzes, onde a razão ocupa um lugar de destaque, pois é através dela que o homem pode conquistar a liberdade e a felicidade (Silveira & Braga, 2005, p. 593).

A conexão entre razão, doença mental e a perspectiva de cura destaca a busca por uma abordagem científica e médica para compreender e tratar a loucura. Sob essa ótica, houve uma transformação ao considerar a loucura como objeto de conhecimento médico. Nesse contexto, a razão ocupava um papel central e era utilizada como uma ferramenta essencial. Essa concepção reflete a crença social de que por meio do entendimento racional dos fenômenos, incluindo a loucura, o ser humano poderia alcançar um estado mais elevado de bem-estar e liberdade (Lima et al., 2020).

Ainda neste contexto contemporâneo, Silveira e Braga apontam os movimentos emergentes em vários países, que "[...] começam a surgir, em vários países, questionamentos quanto ao modelo hospitalocêntrico, apontando para a necessidade de reformulação" (2005, p. 593). Esses movimentos refletem um despertar social em relação ao dispositivo de poder exercido pelo modelo psiquiátrico nas instituições, onde predominaram ambiguidades sobre o louco e práticas desumanas. Tal despertar defende a desinstitucionalização e promove uma nova concepção de abordagem e tratamento.

A crítica ao modelo hospitalocêntrico emerge como uma contestação ao paradigma predominante que, ao longo da história, confinou os indivíduos rotulados como loucos em espaços de exclusão e controle. Este movimento reflete uma profunda inquietação sobre as estruturas de poder que sustentam tais práticas, representando uma resposta à urgente necessidade de humanização e respeito à dignidade dos indivíduos. Propõe-se a desinstitucionalização como um caminho para mitigar a marginalização e promover uma abordagem mais inclusiva e compassiva (Carvalho & Lins, 2015).

Ao revelar as ambiguidades e práticas desumanas, esses movimentos não apenas expõem as injustiças históricas, mas também apontam para o surgimento de uma nova ética no tratamento da saúde mental. Essa ética emergente valoriza a autonomia e a inclusão social, desafiando as práticas tradicionais de isolamento e coerção. Assim, a desinstitucionalização se posiciona

como uma forma de resistência ao poder disciplinar, buscando promover a liberdade e a dignidade dos indivíduos (Maia & Gradella Junior, 2020).

Portanto, a reformulação do modelo psiquiátrico emerge como uma necessidade premente, exigindo uma reavaliação crítica e humanista das práticas e abordagens adotadas. A defesa por uma nova concepção de tratamento visa criar ambientes de cuidado que reconheçam a complexidade e a subjetividade do ser humano, transcendendo as práticas de exclusão e fomentando uma inclusão social genuína.

4. Considerações Finais

Diante do exposto, a reflexão sobre as condições sociais impostas às pessoas portadoras de transtornos mentais permanece profundamente enraizada nas transformações históricas da concepção de loucura. Embora não seja mais vista como algo maligno ou um castigo divino, como frequentemente era na era medieval, a loucura continua a carregar consigo numerosos estigmas, perpetuando uma herança histórica persistente.

Um ponto crítico de reflexão é a eficácia real da reforma psiquiátrica em promover uma integração mais ampla na sociedade. Questiona-se se essas intenções estão apenas no papel, enquanto na prática persistem estruturas hospitalocêntricas arraigadas. Essa discrepância é crucial para entender até que ponto as mudanças propostas são efetivamente implementadas ou se permanecem como ideais apenas teóricos.

Por fim, torna-se claro que a loucura e os conceitos que a envolvem foram interpretados e analisados ao longo de diferentes épocas e estilos, ecoando condições que persistem até hoje, como os debates e implicações sobre saúde mental. Apesar das extensas discussões históricas, ainda se fazem necessárias análises mais profundas e singulares sobre o entendimento da insanidade, da exclusão e dos poderes.

A fim de aprofundar a compreensão das condições sociais enfrentadas por indivíduos com transtornos mentais, é imperativo que futuros estudos realizem uma análise comparativa das políticas de saúde mental em diversos contextos culturais e históricos. A exploração de experiências individuais e relatos de pessoas afetadas por essas condições pode revelar percepções valiosas sobre a eficácia ou ineficácia das reformas psiquiátricas e suas implicações práticas. Ademais, recomenda-se, ainda, que os estudos integrem abordagens interdisciplinares, como história, psicologia, sociologia e filosofia, a fim de iluminar as interações entre saúde mental e contextos sociais.

Agradecimentos

Este artigo foi resultado da minha iniciação científica como voluntário e contou com a orientação do Prof. Dr. Eduardo Sugizaki da PUC-GOIÁS, deixo aqui meus sinceros agradecimentos pela oportunidade, paciência, amizade e ensinamentos.

Referências

- Abreu Pestana, D. M. A., Pereira, E. E., Nunes, A. C. F., & Batista, L. R. (2023). A loucura significada na sociedade: o real, simbólico e o imaginário social. *Convergências: estudos em Humanidades Digitais*, 1(02), 227-238.
- Andrade, D. P. (2011). A constituição histórica da loucura. *ComCiência*, 126, 1-4.
- Arthur, N., & de Albuquerque Costa, R. (2022). Os caminhos da loucura: Recortes sobre o papel do louco e os cuidados em saúde mental na história. *Cadernos Brasileiros de Saúde Mental/Brazilian Journal of Mental Health*, 14(38), 74-90.
- Carvalho, J. D. D., & Lins, C. B. A. (2015). Um Hospital Geral e suas concepções da loucura. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 18, 383-393.
- Caponi, S. (2009). Michel Foucault e a persistência do poder psiquiátrico. *Ciência & saúde coletiva*, 14, 95-103.

- Casarin, S. T., Porto, A. R., Gabatz, R. I. B., Bonow, C. A., Ribeiro, J. P., & Mota, M. S. (2020). Tipos de revisão de literatura: considerações das editoras do Journal of Nursing and Health / Types of literature review: considerations of the editors of the Journal of Nursing and Health. *Journal of Nursing and Health*, 10(5).
- Cavalcante, L. T. C. & Oliveira, A. A. S. (2020). Métodos de revisão bibliográfica nos estudos científicos. *Psicol. Rev.* 26 (1). <https://doi.org/10.5752/P.1678-9563.2020v26n1p82-100>.
- Foucault, M. (2004). *História da loucura na Idade Clássica* (7a ed.). Perspectiva.
- Goffman, E. (2001). *Manicômios, prisões e conventos* (7a ed., Trad. D. M. Leite). Perspectiva.
- Lima, S. C. F. D., Silva, M. D. C. G. D., Barbosa, R. R. L., Dias, H., & Silva Filho, W. B. (2020). Sobre (re) pensar a saúde mental e os processos de desinstitucionalização. *Psicologia & sociedade*, 31, 1-8.
- Lemos, F. C. S., Galindo, D. C. G., Rodrigues, R. V., & Sampaio, A. M. (2020). Práticas de medicalização: problematizações conceituais a partir de Michel Foucault. *Revista Psicologia, Diversidade e Saúde*, 9(2), 232-244.
- Le Goff, J. (2016). *A civilização do Ocidente medieval*. Vozes.
- Maia, A. F., & Gradella Júnior, O. (2020). A educação em direitos humanos como suporte às políticas antimanicomiais: história e memória. *Trabalho, Educação e Saúde*, 19, 1-15.
- Providello, G. G. D., & Yasui, S. (2013). A loucura em Foucault: arte e loucura, loucura e desrazão. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, 20(4), 1515-1529.
- Pereira, A. S., Shitsuka, D. M., Parreira, F. J., & Shitsuka, R. (2018). *Metodologia da Pesquisa Científica*. Santa Maria, UFSM.
- Rosa, L. F. M. DA., & Gutierrez, E. D. A. (2023) Loucura na antiguidade e idade média, uma retomada da história em diferentes fontes. *Salão do Conhecimento*, 9, 1-5.
- Rosa, R. B., & dos Santos, M. F. R. (2023). A história da saúde mental. *Revista Transformar*, 17(1), 279-294.
- Rother, E. T. (2007). Revisão sistemática x revisão narrativa. *Acta paul. enferm.* 20 (2). <https://doi.org/10.1590/S0103-21002007000200001>. i.3)
- Sugizaki, E. (2020). O campo discursivo da história da loucura. *Revista Expedições: Teoria da História e Historiografia*, 1-8.
- Silveira, L. C., & Braga, V. A. B. (2005). Acerca do conceito de loucura e seus reflexos na assistência de saúde mental. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 13, 591-595.
- Scull, A. (2016). Madness in historical perspective. *CMAJ*, 188(10), 756-758.
- Szasz, T. (1977). *Ideologia e doença mental: Ensaios sobre a desumanização psiquiátrica do homem* (1ª ed.). Zahar Editores.
- Silveira, F. D. A., & Simanke, R. T. (2009). A psicologia em História da Loucura de Michel Foucault. *Fractal: Revista de Psicologia*, 21, 23-42.
- Torre, E. H. G., & Amarante, P. (2001). Protagonismo e subjetividade: a construção coletiva no campo da saúde mental. *Ciência & saúde coletiva*, 6, 73-85.
- Wachelke, J. F. R. (2005). O vácuo no contexto das representações sociais: uma hipótese explicativa para a representação social da loucura. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 10, 313-320.